



## **Jornalismo Literário em Textos de Eliane Brum: Narrativas de Vidas Vividas<sup>1</sup>**

Luan PAZZINI<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo busca discutir aspectos do jornalismo literário presentes na obra da jornalista gaúcha Eliane Brum. A ideia central é encontrar elementos de reflexão sobre a sua produção e a relação com a literatura. Para isso, analisamos trechos do livro “A vida que ninguém vê”. De acordo com pesquisadores como Edvaldo Pereira Lima (2010), o jornalismo literário tem condições de estabelecer um vínculo maior com o leitor, produzido a partir de um olhar apurado. Desse modo, amplia a abordagem, dá mais vida aos personagens e cria condições para também dar voz a quem não tem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Literário; Literatura; Eliane Brum; Jornalismo; A Vida Que Ninguém Vê.

### **Introdução**

Quando o termo jornalismo literário vem à cabeça, provavelmente o conceito que imaginamos é de um texto mais elaborado, mostrando uma visão diferenciada de fazer notícia, com propósito, visão de mundo e instrumentos de expressão da realidade diferentes.

De fato, o jornalismo literário busca a excelência na linguagem. Textos carregados e elaborados com mais qualidade são apenas uma de suas características relevantes. Apesar de interessante e trazer mais envolvimento para o leitor, devido às rotinas de trabalho dos jornalistas, a modalidade aparece com menos frequência na imprensa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e-mail: [luanpazzini1@gmail.com](mailto:luanpazzini1@gmail.com).

Orientação de Anelise Zanoni Cardoso Professora do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), é doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e graduada em Jornalismo pela mesma universidade.



O que jornalismo literário faz é contar histórias de uma forma elegante e bem articulada, por meio de textos. Edvaldo Pereira Lima (2010, p.18) diz que a linha condutora no texto do jornalismo literário está relacionada ao contar histórias. Sob esta perspectiva, geralmente gostamos de contá-las porque faz parte de nossas vidas.

Além de sugerir uma escrita impecável, o jornalismo literário foge do convencional, de contar histórias rápidas e de forma simplificada. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2010), o jornalismo literário tem estilo diferenciado da prática de reportagem e do ensaio e ocupa lugar especial na cultura contemporânea.

Não é a forma de jornalismo mais popular, nem a mais constante. Tampouco é o estilo dominante na imprensa. Como não é o maior, resta-lhe ser diferente. Pois são precisamente as diferenças que marcam este tipo particular de jornalismo, quando comparado aos padrões mais conhecidos, que lhe dão uma identidade toda própria, uma força comunicativa poderosa e uma qualidade estética notável. (2010,p.9)

Discorrer sobre jornalismo e literatura e não falar de Eliane Brum é um exercício difícil, pois a jornalista contribui para repensar alguns conceitos que são montados através de dois campos de conhecimentos importantes, mas que ainda necessitam de muitas discussões, pois é preciso avaliar as proximidades, similaridades e diferenças que qualificam os textos da jornalista como narrativas de vidas.

A jornalista narra e conta histórias como ninguém. Destaca-se pela alta qualidade dos textos publicados, porque ela pensa e expõe cada detalhe, levando o leitor a se sentir dentro da cena.

A escritora já conquistou mais de 40 prêmios, nacionais e internacionais e é autora dos livros “Coluna Prestes: O avesso da lenda”, “Uma Duas”, “O olho da Rua”, “A Vida que Ninguém Vê”, “Meus Desacontecimentos” e “A Menina Quebrada”. A jornalista já atuou no Jornal Zero Hora e na Revista Época. Atualmente, tem seu tempo dedicado a projetos pessoais, produção de livros, documentários e ministra palestras pelo país.

Neste artigo apresentarei a forma como percebemos os traços, conceitos, reflexões e definições acerca das relações existentes entre jornalismo literário e o trabalho desenvolvido por Eliane Brum<sup>3</sup>, nos textos publicados no livro “A vida que ninguém vê”.

---

<sup>3</sup> Porto Alegre: Ed. Arquipélago Editorial, 2006, vencedor do 47º Prêmio Jabuti 2007, como melhor livro de reportagem.



## Relações entre a Literatura e o Jornalismo

O diálogo existente entre jornalismo e literatura começa aproximadamente no século XVIII. Ao longo da história, suas ideias se unem, mas também se divergem. Cada um dos gêneros dispõe de especificidade própria, com técnicas e estilos diferenciados para serem criados. Os dois estilos unem-se não só no campo da temática, mas no interior do discurso, de forma que as funções exercidas, com linguagens objetivas e estilos próprios, diferenciem um do outro.

A delicada diferença entre as duas formas de comunicação está em o jornalismo fazer análise a partir dos fatos, enquanto a literatura se fundamenta na memória pessoal, na imaginação, aperfeiçoando algumas ferramentas da literatura, como o uso de diálogos, a descrição de cenas e ambientes, e, sobretudo, quebrando a *secura*, a pobreza de um texto raso.

Com o objetivo de levar a informação de forma organizada e bem escrita, Luiz Beltrão (2007) diz que “a informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”, é jornalismo.

A jornalista, acostumado a fazer um recorte diário da realidade, tem o dever de divulgar aquilo que considera mais importante sobre o fato narrado. Tem o poder de construir a notícia e produzir conforme o formato que julgar mais interessante. Segundo Amaral (1969, p. 17), o jornalista tem quatro funções principais.

“As funções política, econômica, educativa e de entretenimento são as quatro principais do Jornalismo. Isso em se tratando dos países capitalistas, pois a função principal do Jornalismo nos países socialistas é a educativa e em outros governos fortes o “jornalismo é um elemento do regime e uma força a seu serviço”

A maioria dos jornalistas escolhe a forma como irá escrever, mas em muitos textos jornalísticos utilizam o lead. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2010, P.51) o *3Q+COP= que, quem, quando, onde, como e por que*, surgiu por que o repórter escrevia seus relatos e esses, traduzido para o código Morse, percorria quilômetros, até chegar às mãos dos editores que nas redações, convertiam o material recebido, em



reportagem publicada. As linhas telegráficas chagavam a atingir mais de 80 quilômetros.

Para trabalhar com o telégrafo, os jornais precisavam simplificar o texto, pois custava caro transmitir conteúdos muito longos. Além disso, como se tratava de tecnologia ainda precária, e em se tratando de um país em guerra, onde a infraestrutura de serviços tem dificuldades para se manter ativa, enfrentavam um desafio a mais. No meio da transmissão perdiam a linha, a comunicação caía. Significava que lá nas redações os editores recebiam textos pela metade, incompletos, sem sentido.

Entretanto, FILHO (1989) apenas profissionais renomeados conseguem esta façanha,

O fato de certos jornais na atualidade permitirem a alguns jornalistas renomados a liberdade de serem subjetivos, de usarem um estilo solto e pessoal, de romperem com o clichê linguístico particular daqueles órgãos não muda em nada o caráter genérico da imprensa. (FILHO, 1989,p.38)

Estamos falando não em negar o caráter primordial do jornalismo, muito menos levá-lo a outra forma de desenvolvimento. Jornalismo nunca será literatura e literatura nunca será Jornalismo. A combinação de ambos os gêneros nas reportagens, que aproximem de forma real o leitor da notícia que está sendo passada é jornalismo literário.

Alceu Amoroso Lima (1969) explica que para um texto ser considerado literatura, precisa apresentar em seu meio de expressão, a palavra, haja uma acentuação ou uma ênfase no próprio meio da expressão, que é o seu valor de beleza. Literatura então é a arte da palavra, considerando toda a expressão falada, escrita ou verbal.

O jornalismo literário conta histórias, só que de um modo elegante e bem articulado esteticamente. Apresenta texto menos impessoal, não tem a preocupação de evitar a emoção. Nos textos, a vida pulsa, com toda a intensidade que essa palavra possa trazer.

Histórias da ficção inspiradas em situações reais são apresentadas com detalhes impressionantes. O modo de vida das pessoas, as coisas que possuem, o jeito como se comportam, as roupas que vestem, o que carregam consigo e até o que tem dentro do quarto, tudo da sinal de quem as pessoas são. Coloca o leitor dentro dos ambientes dos personagens.



Histórias contadas são vistas com os “olhos” da alma. Captam a realidade e apresentam sentimentos, razões e intuições. Contextualizam, mostram o significado real das coisas. Apresentam qualidades líricas e poéticas, sem deixar de perder o foco na realidade que precisa ser apresentada; cria escritores de histórias de vida vivida. Edvaldo Pereira (2010, p. 31), explica que o jornalista, por ser gente, escreve melhor, pois escreve com a alma.”.

O jornalista literário é prisioneiro da realidade, pois trabalha apenas com os elementos que lhe são entregues. Flagra a realidade do cotidiano, o que está escondido atrás do extraordinário. Tem em suas mãos o poder de transformar histórias em algo diferente e interessante para o leitor. Cenas que os levem a mergulhar na experiência da realidade. Felipe Pena (2006. p.14) diz que a literatura inserida no jornalismo tem como significado mostrar e falar da realidade com profundidade, abusando dos recursos existentes

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários<sup>4</sup> e principalmente garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006,P.14).

O texto jornalístico trabalha com a veracidade e a literatura com a ficção. Lembrando que não devemos nos valer apenas deste princípio, sendo que na maioria das vezes ela pode ser flexível. Literatura e jornalismo andam por caminhos abrangentes que apresentam horizontes com possibilidades infinitas.

### **Eliane Brum como repórter**

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Iniciou a carreira jornalística no jornal Zero Hora, em Porto Alegre, onde trabalhou por 11 anos. Foi repórter especial da revista Época, em São Paulo, por 10 anos.

Como jornalista ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como Esso. Atuando como escritora, publicou seis livros – cinco de não ficção: “Coluna Prestes: o avesso da lenda” (Artes e Ofícios, 1994), “A Vida Que

---

4 Considerados autoridades e especialistas famosos que são entrevistados nos jornais.



Ninguém Vê” (Arquipélago Editorial, 2006), “O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real” (Globo, 2008), “A Menina Quebrada” (Arquipélago, 2013) e “Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras” (LeYa 2014), e um romance: “Uma Duas” (LeYa Brasil, 2013), além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaio.

Transformar a notícia em história talvez seja a grande premissa da jornalista e escritora. Talvez também seja por esse motivo que através dos textos que escreve seja fácil perceber que os sentimentos brotam naturalmente e que é possível num piscar de olhos, estar dentro de cada história contada.

O olhar minucioso e repleto de amor pelo que conta faz com que Eliane se aproxime do leitor por meio da literatura da notícia, ultrapassando as barreiras da informação. É a partir daí que começamos a encontrar na prática o jornalismo literário nas publicações diárias, nas reportagens especiais e nas crônicas.

A jornalista observa o mundo, principalmente o outro mundo. “Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem a gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.” (BRUM, 2006, p. 187).

Para contar uma boa história, o repórter precisa ir despido, pronto para encontrar realidades, muitas vezes, cruéis. Muitas vezes, a pessoa volta satisfeita com o que vivencia ao fazer o caminho de volta. Agnes Francine, Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), no perfil intitulado: *Eliane Brum e a arte da escuta* (2011, p.308), relata que a jornalista não poupa esforços e leva às últimas consequências todos os sentidos que a palavra empatia carrega. Leva consigo a disposição para se colocar no lugar do outro, indo quase sempre na contramão das concepções mais superficiais que a profissão pode proporcionar. Seu lugar é na rua, pergunta pouco e ouve muito.

Com sua prosa poética, Eliane Brum revela a beleza presente em histórias reais. No artigo intitulado *Eliane Brum e a Vida que Ninguém Vê*, publicado no blog: *jornalismoB*, no dia 21 de janeiro de 2011, Luiza Monteiro ressalta que a jornalista tem méritos em seu trabalho

“E o maior deles continua sendo o de trazer ao papel principal as pessoas que, infelizmente, ainda costumam ser tratadas pela grande imprensa como meros coadjuvantes. Pena que mesmo assim não consiga deixar de lado um tratamento ainda um pouco elitista.” DISPONIVEL EM:  
<<https://www.raspas.com.br/pensadores/578> > Acesso em: 05 de outubro de 2014.



SCHEIBE (2014. p.1), relata que a jornalista traz em seus relatos histórias, das mais distintas realidades e complementa que

“O vital para uma profissão que exija grande observação não é só o resultado de um trabalho, mas o processo para se chegar a ele. O mundo é movimento e tem muitas experiências vividas e olhares distintos. É voltando o olhar para esta diversidade de realidades que a jornalista Eliane Brum se debruça.”

Eliane Brum (2006, p.191), percebendo com todos os sentidos cada personagem e cada cenário, para alcançar a realidade profunda dos outros que traduz em seus textos, como principal arma, usa o silêncio; um silêncio não só da voz, mas que dá voz.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verborragia, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série... Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para escutar o silêncio. (BRUM, 2006, p.191)

A escritora busca histórias que geralmente não têm espaço nos meios de comunicação, não traz apenas informações, conta de forma criativa, com um olhar amoroso e imerge em outros mundos, buscando o excepcional protagonizado por vidas anônimas para mostrar que cada vida é única.

### **Relação entre jornalismo literário e o livro *A Vida que Ninguém Vê*, de Eliane Brum**

Para elaborar este artigo analisamos algumas reportagens publicadas pela jornalista Eliane Brum no livro “A Vida que ninguém vê”, de acordo com algumas perspectivas da análise de conteúdo (BARDIN, 1995).

As colunas apresentam conteúdos considerados universais, pois são assuntos compartilhados pela espécie humana como maternidade e morte, tristeza, tragédias e histórias de superação. Na reportagem *Enterro de pobre* (BRUM, 2012, p.34) a jornalista conta a história de um senhor, morador da região carvoeira do Rio Grande do Sul chamado Antonio Antunes

Antonio tinha comprado uma roupinha de sete reais no centro de Porto Alegre para que o filho não fosse sepultado nu como rebento de bicho. Mas não pôde



vesti-lo. Restou a Antonio o caixãozinho branco que ninou nos braços até a cova número 2026 do Campo Santo Cemitério da Santa Casa.

Aparece na reportagem *O Sapo* (BRUM, 2006, p. 58), a reprodução de um diálogo entre a autora e o personagem (LIMA, 2010, p. 31), característica que qualifica um texto como de jornalismo literário.

Eis que conversamos:

- Como o senhor está?
- Com saúde e bastante preguiça. Preguiça, pra dizer bem a verdade, até por dentro dos olhos.
- Como é a Rua da Praia aí de baixo?
- Olha, é só perna. Um mar de pernas. Mas eu não vejo só perna, não. Vejo de tudo um pouco. Vejo coisa que nem devia...
- O senhor é sem-vergonha...
- Sou o tipo mais esquisito do mundo. Sou namorador. Meu único defeito é gostar de mulher.

Em *Sinal fechado para Camila* (BRUM, 2006, p.124), a autora apresenta um ensaio tradicional, com princípio básico na discussão envolta de um tema que apresenta a reflexão do repórter perante o tema. (LIMA, 2009, p. 431).

Camila morreu. Você, e eu também, somos cúmplices de sua morte. Nós todos a assassinamos. A questão é saber quantas Camilas precisarão morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência. Você sabe? E agora, tio lindo, tia linda, o que você vai fazer?

O texto que mostra um indivíduo trazendo à tona seus valores e suas possíveis motivações (LIMA, 2009, p. 427), aparece na reportagem *Adail quer voar* (BRUM, 2006, p.171). A jornalista usa o gênero perfil, para retratar o fato de um funcionário do Aeroporto Salgado Filho, que a 32 anos despachava malas, mas que nunca tinha tido a chance de voar.

Adail queria voar até Aparecida do Norte (SP), onde devia uma promessa à santa. Quinze anos atrás, Nossa Senhora tinha curado sua perna doente. Em troca, Adail lhe devia um carpin. Mas o tempo passava, a dívida ia pensando, porque não há credor mais rigoroso que santo.

Com o objetivo de apresentar características do jornalismo literário nos textos da autora, foram elaborados elementos que são propostos no livro: *Jornalismo Literário Para Iniciantes* (LIMA, 2010). Ela utiliza a cena, como natureza visual. Não conta indiretamente os fatos acontecidos, mas mostra, levando o leitor a uma imersão na



história a ser contada (LIMA, 2010, p.16). Em *O encantador de cavalos* (BRUM, 2006, p.82), essa característica fica evidente quando a autora cita que o menino, em busca de seu cavalo, caminhava pelos campos de concreto da cidade

Dormindo pelos viadutos, pelas cocheiras. Encilhado em sua utopia. Embriagado de fantasias, não de loló. Na quarta-feira, implorando que o deixassem montar, o pequeno centauro explicou o sopro que anima seu corpo de menino:

-Eu vejo um cavalo, e o meu coração começa a bater desesperado.

A quantidade de detalhes apresentados e a descrição muitas vezes minuciosa (LIMA, 2010, p.22) das cenas, aparecem no texto *O colecionador das almas sobradas* (BRUM, 2006, p.47) que narra a vida de Oscar Kulemkamp, que se apropria de vidas jogadas fora

Ele emerge no túnel sem tempo como uma toupeira miúda. Veste roupas pobres, puídas e encardidas pela poeira dos dias. Está mais surdo do que porta de igreja, como ele diz. E não fosse recolher restos de existências alheias, teria somente os dois filhos que compartilham de sua caverna – um que viver nas trevas e jamais sai de casa, outro que às vezes o ameaça de morte.

Podemos dizer que a autora, nas reportagens apresentadas no livro, não usa apenas a forma narrativa como apresentação de linguagem. Nos textos, o leitor é convidado a fazer parte da história porque é envolvido pela narrativa. Nos textos percebe-se que a autora invade a realidade, trazendo elementos que aproximam o leitor dos fatos – mesmo que estes sejam narrados a partir da história de um personagem.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos os textos do livro *A Vida que Ninguém Vê*, de Eliane Brum, identificamos diversas características do jornalismo literário, que concede ao repórter a liberdade de utilizar recursos, conforme os padrões de (LIMA, 2009) e (LIMA, 2010).

As matérias publicadas no livro atendem aos requisitos de precisão e clareza para bem informar. Apresentam níveis de aprofundamento, não se reduzindo à compilação de dados e números. Eliane estabelece relações que aprofundam o tema e opta por um texto original com conteúdo atraente, que torna a notícia uma história.

A união entre jornalismo e literatura é totalmente possível, já que a literatura em momento algum abandonou o compromisso com a verdade do jornalismo. São conceitos



distantes que em circunstâncias diversas não encontram conexão. Porém, a jornalista utiliza duas esferas para falar do ser humano e da realidade de vida.

A jornalista encontra na literatura os sentimentos para expressar o ser humano e no jornalismo a veracidade para apresentar a realidade.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**, 1, 2010, São Paulo: Edição do Autor.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Ed. Arquipélago Editorial, 2006.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

FILHO, Ciro Marcondes. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. 2.ed. São Paulo. Ed. Ática, 1989.

VIZEU, Alfredo. Beltrão, os estudos e as teorias do Jornalismo. **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2007.

BOAS, Sérgio Vilas (org). **Jornalistas Literários. Narrativas da vida real por novos autores brasileiros**. São Paulo: Ed. Summus, 2007.

SCHEIBE, Roberta. “**A vida que ninguém vê**”: **As crônicas de Eliane Brum refletidas sob a ótica da Sociologia das Ausências**. Trabalho apresentado no DT 06 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2014.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo. Ed. Agir, 1969.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Ed. Contexto. 2006.

KÖNING, Mauri. **Narrativas de um correspondente de rua**. Curitiba: Pós-Escrito, 2008.

DISPONIVEL EM: <<https://www.raspas.com.br/pensadores/578> > Acesso em: 05 de outubro de 2014.